

## A casa dos exílios ou os olhos nublados da solidão

Doutorando Jair Zandoná<sup>i</sup> (UFSC)

### Resumo:

*O presente trabalho tem por objetivo analisar os contos “A casa dos mastros” e “Maira da Luz”, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, a partir da noção de deslocamento/exílio das personagens, e o sentido como as ilhas (do sujeito e territoriais) são exploradas nesse contexto através do movimento da memória. Como eixo para este estudo, pretende-se investigar as diferentes formas de exílios vivenciadas pelas personagens, especialmente as femininas.*

**Palavras-chave:** literatura cabo-verdiana, Orlanda Amarílis, exílio

Pensar sobre a natureza da literatura nos leva a refletir sobre [im]possíveis parâmetros que distingam a arte literária da “vida real”. René Wellek e Austin Warren (2003) ponderam que a arte tem como referência um mundo de ficção, de imaginação. “Um personagem de romance difere de uma figura histórica ou de uma figura real. [...] Ele não tem nenhum passado, nenhum futuro, e, às vezes, nenhuma continuidade de vida” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 18). Nesse sentido, um escritor registra sua experiência e concepção da vida, talha-as com os artifícios da ficção, de modo a elaborar uma possível leitura de mundo.

Sendo assim, podemos considerar que não apenas o escritor seja influenciado pela sociedade, não reproduz meramente a vida, mas também deseja modificar o mundo que representa, funcionando, por vezes, como “documento social” – se pensarmos, *grosso modo*, na relação entre literatura e sociedade (WELLEK; WARREN, 2003, p. 126).

É justamente esse aspecto da literatura que queremos, por ora, explorar nos contos *A casa dos mastros* e *Maira da Luz*, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis: o modo como o sentido e sentimento de deslocamentos, exílio e, em certa medida, a solidão e melancolia são articulados nesses textos.

Se recuperarmos alguns estudos já desenvolvidos acerca do exílio, Edward Said relaciona-o a “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p. 46). Envolvido por esse engodo, o sujeito se percebe obrigado a conviver, por vezes de modo insuportável, com a falta palpável, e a carregar as marcas de deslocamento, de afastamento, de reclusão, de perda.

Com origem na prática do banimento, o exilado incorpora o estigma do forasteiro, e, portanto, pertencerá sempre à condição do entre-lugar uma vez que, depois que tenha partido de sua terra natal, não terá mais o mesmo vínculo identitário que o relacionava diretamente àquele lugar. Tampouco se reconhecerá (ou será reconhecido pelos outros) como pertencente ao novo lugar de morada. O estranhamento permanecerá tatuado, como uma cicatriz advinda do deslocamento. Desse modo, por mais que o exilado seja bem sucedido na tarefa de reestruturar-se, ambientalizar-se, organizar sua vida em novas terras, ainda assim se sentirá órfão, noção de pertencer a lugar nenhum. Frequentemente, essa característica está muito relacionada às questões de nacionalidade (Cf. GUILLÉN, 2005, p. 106), “de um paraíso perdido” (sempre retomando o passado) e que se almeja reconquistar.

É nesse ponto que o sentimento de solidão se sobressai. Temos uma gama de situações que vinculamos ao termo exílio: razões políticas e econômicas são as principais alavancas para que o exílio ocorra. Exilados políticos, refugiados, expatriados têm suas vidas deixadas em estado de

suspensão, semelhante a uma jangada que permanece à deriva, sendo conduzida pelas ondas, sem destino certo. “Sua” casa não é mais seu lar. Não há mais sua casa, apenas outra(s) casa(s). E aqui o singular se faz importante porque, via de regra, esse deslocar-se é um ato realizado sozinho, imerso nas (in)certezas do lugar estrangeiro. Said (2003, p. 59) afirma que “todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos.”

A partir da perda, o sujeito encontra-se visceralmente desnortado. Por esse motivo, recorremos ao que desenvolve Freud sobre a manifestação da melancolia. Para ele, pode ser uma reação à perda de um objeto amado, o que não significa dizer que este tenha morrido, mas que perdeu o significado enquanto objeto de amor. Nesses casos, nem sempre é possível saber o que “realmente” foi perdido, o que se sabe é a perda do objeto, mas não se sabe “claramente” o que se perdeu nele. (FREUD, 2010, p.180-184)

Nesse sentido, Claudio Guillén (2005, p. 82), ao analisar o exílio na literatura, pondera que “passa a ser, mais do que uma classe de adversidade, uma forma de ver o mundo e a sua relação com a pessoa.” O estudioso acrescenta que nos casos em que a temática é literariamente explorada o fundamental é vincular ao devir da literatura. E, por isso mesmo, Almeida Faria, no *Prefácio* ao livro de Guillén sintetiza que:

O exílio pode ser elixir cognitivo, afinamento da consciência e afirmação da estrutura do exilado, enriquecimento axiológico, filtro capaz de transformar a dureza do desterro em experiência do pensamento, desafio que põe à prova a capacidade de cada um enfrentar o que nunca enfrentaria no seu país de origem. (FARIA, 2005, p. 11)

O que Faria pondera nos remete à questão de que o exilado tem consciência de mais de uma cultura, de mais de um cenário, de mais de um país. Além disso, por ser forasteiro, o modo como perscruta o novo lugar é de fora para dentro, precisa tatear o novo espaço, reconhecer os limites para estabelecer seu modo de vida.

O exílio metafórico (GULLÉN, 2005, p. 10) também é permeado pelo sentimento de não pertencimento, visto como uma representação da condição humana, e que, em particular no modo como os artistas exploram/desenvolvem essa questão em seus trabalhos, se percebe a ambiguidade de se estar em mais de um – ou em nenhum – lugar. O que importa, contudo, é que o exílio, seja voluntário seja imposto, é uma forma de sobreviver sem haver necessariamente a perda da própria voz.

Essa prerrogativa é igualmente válida para as situações em que se vive não um exílio de deslocamento físico, mas interior, vivenciado mesmo sem sair de casa (GUILLÉN, 2005, p. 138). Nesses casos, o alheamento acontece quase como se fosse um silenciamento de si, o exilado se envolve em uma prisão sem muros, estabelecendo um distanciamento com a “vida real”, como é o caso de Violete e Maira, objetos de nossa análise.

Orlanda Amarílis, ela própria uma mulher desterrada, nascida em Santa Catarina/Cabo Verde, viveu em Goa para concluir seus estudos e depois se mudou para Lisboa. O papel do exílio é amplamente explorado em seus contos (GUTERRES, 1999, p. 10). Autora de *Cais Sodrê te Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1983) e *A casa dos mastros* (1989) iniciou sua vida literária contribuindo com a Revista *Certeza* (1944). Experimentou o colonialismo e a descolonização de seu país e a condição da caboverdianidade, ou seja, a ligação íntima com a terra, sua gente e seus valores culturais são seus *leitmotifs* (TUTIKIAN, 2010, p. 91).

Como delineia Maria Guterres (1999), na literatura caboverdiana é necessário considerar o exílio voluntário provocado pela extrema pobreza do país ou ainda pelo desejo de uma liberdade pessoal ou anseio pela experiência cosmopolita, como é o caso de Rodrigo, no conto homônimo, escrito por Amarílis. Já Terezinha Taborda Moreira (2007, p. 365-377) discorre sobre a maneira

como Orlanda Amarílis mistura a cultura local, tomada como tradicional, e os valores da modernidade em personagens que transitam entre níveis sociais e individuais, dentro de espaços geográficos específicos (MOREIRA, 2007, p. 367).

No conto *A casa dos mastros*, a história norteia os habitantes da casa e das pessoas que por lá circulam. Violete, seu pai, a madrastra Dona Maninha, Isabel – a empregada –, o primo Alexandrino, Padre André e Augusto, noivo de Violete, são as personagens que compõem essa trama que transgride as relações cotidianas.

Violete é levada pelos acontecimentos a um futuro sem perspectivas de felicidade, mudança ou satisfação pessoal. Após ter sido abandonada pelo noivo, Violete se torna uma pessoa “amarga, dura e incompreendida”.

Semanas a fio Violete aguardou-o, devorando romances sobre romances espreguiçada na cadeira de palhinha ao pé da janela. As semanas transformaram-se em meses, em anos.

E esta mocinha viria a tornar-se uma mulher amarga, dura, incompreendida. (AMARÍLIS, 1989, p. 44)

Para Violete, sem o possível casamento, não lhe restava nenhuma outra esperança para mudar. Augusto seria seu passaporte para sair da casa dos pais. Com o compromisso desfeito, entregou-se ao único passatempo que tinha. Lia romances.

Ajoelhada aos pés da cama, a cabeça descaída sobre a colcha de algodão, clamou pelo noivo. <<Augusto, oh Augusto!>> Chorou, mordeu as mãos, rangeu os dentes de desespero e acabou por retirar o romance debaixo do travesseiro e ir sentar-se na cadeira de palhinha junto à janela. (AMARÍLIS, 1989, p. 44)

Sua situação piorou ainda mais quando, em um acesso de fúria, agrediu a madrastra com uma bengala, até chegar o ponto de quase matá-la. Emocionalmente transtornada, vai à igreja para receber apoio espiritual. Lá, na sacristia, é deflorada pelo padre. Para Violete, parece ser uma passagem de libertação. Deixa de ser uma menina para ser mulher. É como se esse acontecimento lhe trouxesse outra agitação, lhe tirasse da linearidade do silêncio de sua casa ao qual estava acostumada: “Não se sentiu coagida a remorsos. Teve antes a sensação plena de alívio e de paz. Limpou os olhos e escapou-se pela porta da sacristia e saiu rua fora, mulher e liberta.” (AMARÍLIS, 1989, p. 49).

Violete também é uma das “mulheres-sós” de Amarílis (SANTILLI *apud* FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 24). Essa leitura, desenvolvida por Maria Aparecida Santilli, considera as mulheres como personagens que ficam em torno de limites (ou ilhas, conforme Santilli) estabelecidos pelos homens de sua vida: pais, irmãos, maridos ou parceiros cuja ausência é norteadada por eles. Em Violete, isso decorre de uma série de infortúnios: rompimento de seu noivado, pouca intimidade/proximidade com seu pai, que, para ela, era uma figura ausente, permanecendo em sua *ilha desafortunada*, se usarmos a expressão de Pires Laranjeira (AMARÍLIS, 1989, p. 9). É nesse contexto que Violete experimenta de modo mais agudo o “exílio interior”.

O sentimento de desamparo é tão fortemente entranhado em Violete que, ao se dar conta sobre quem poderia cuidar da madrastra enquanto está em recuperação, apenas nomeia as parentas. Em nenhum momento, algum personagem masculino é mencionado. Observemos o trecho:

Quem iria tratar da madrastra? Vovó Mimina há mais de dois anos vivia em Santa Catarina, prima Lucília fugira de casa com o antigo criado da cocheira do avô. Restava a Arcângela o dia inteiro aferrolhada no quarto. Fazia crochê durante a manhã, acertava rimas ocupando uma mesinha debaixo da clarabóia ao fim da tarde e cantava quando acordava altas horas até o amanhecer. Tomava as refeições no quarto e definhava-se de pouco ou nada comer. Era de uma loucura mansa vegetando no sobrado. (AMARÍLIS, 1989, p. 50)

Nenhuma dessas mulheres teria condições de cuidar da madrastra por diferentes razões. Se

resumíssemos, todas, em níveis diferentes, viviam seus exílios. Além disso, um dado importante deve ser considerado nessa passagem “cerca de 60% da população crioula é feminina, sendo 33,5% constituída por famílias chefiadas por mulheres.” (GOMES, 2006, p. 536.) Esse indicativo exemplifica muito bem que o sentimento de solidão imputado nas personagens são, em certa medida, reflexo bastante próximo da condição da mulher cabo-verdiana. Se analisarmos esses valores, em que o número de mulheres é superior a de homens, mesmo assim, as desigualdades de gênero ficam evidentes. Nos contos isso se identifica nos episódios em que há a suspensão dos anseios e vontades femininas em favor da decisão masculina.

Por fim, Violete permanece no silêncio de sua casa abandonada, como se ela própria havia sido esquecida pela vida, como se ela tivesse esquecido que ainda vivia. Vivendo de recordações, lendo o mesmo livro era como se tivesse interrompido o tempo – talvez na tentativa de aplacar por um hiato que fosse, a dor de viver. Assim, ela exterioriza a dor de seu exílio interior. A casa dos mastros se aproximaria à de Asterion, de Borges (2005, p. 87), cuja “casa es del tamaño del mundo; mejor dicho, es el mundo”. Para Violete, sua casa, seu mundo estão em ruínas.

Sobre a questão do exilado Guillén (2005, p. 128) pondera que os “exilados, às vezes, compensam a sua marginalização mergulhando num mundo restrito, próprio”, assertiva que se enquadra perfeitamente ao desfecho de Violete:

Violete continuou a viver de recordações, de desejos amaldiçoados, só sem ninguém, errando pela casa. Alexandrino viera a morrer numa tarde de sono; o pai desapareceu depois da noite de lascívia incestuosa. Nunca mais o viu.

Foi trazendo sempre o mesmo livro com ela. Sentada o pé da janela abre-o. Alguém que nunca aparece há-de surgir numa tromba de água alagando o mirante de João Ribeiro. A boca continua sem som. Os olhos erram pelas molduras douradas procurando nos retratos de família companhia para a solidão. (AMARÍLIS, 1989, p. 53)

O conto Maira da Luz, aparentemente, rompe com a estrutura das mulheres-sós permeadas nos demais contos do livro. Primeiro porque o trecho inicial refere-se ao que a personagem divisa para seu futuro, o qual narra, em primeira pessoa, sua experiência de escola. Ao ingressar no liceu, experimenta a mudança no seu cotidiano. De origem humilde, desejava uma educação direcionada, almejando um futuro melhor. Por isso se desespera quando a escola fecha.

À noite, quando se meteu na cama viu tudo mais claro. E arrepiou-se. Arrepiou-se porque a sua vida ia parar. Ia tornar-se numa rapariga vulgar, uma rapariga qualquer, sem estudos. Os pais não tinham possibilidade de a mandar para a metrópole para os continuar. Mas nem uma lágrima lhe assomou dos olhos. Não tinha jeito para chorar. (AMARÍLIS, 1989, p. 125)

Quando não pôde mais se matricular na escola por questões financeiras, ficou ainda mais desolada. Além disso, a casa de Maira foi se silenciando. O irmão foi para Coimbra, o tio emigrou e o pai faleceu numa tarde, de velhice. Tanto ela quanto sua mãe foram privadas das companhias dos homens de sua família. Sozinhas, passam por várias privações.

Um dia, quando saía de casa, encontrou uma ex-colega de classe, Cesarina, com quem tinha sérias desavenças. Maira brigou com ela porque, ainda quando estudavam juntas, Cesarina lhe disse que “Tua mãe pôs-te nome de Maira, julgava tu ias ser uma *star*, não sabias? Coitada, *star*! És uma estrela decadente”(AMARÍLIS, 1989, p. 125), cuja passagem delinea as dicotomias de classes e perspectivas.

Embora resoluta a mudar e a lutar pelos seus sonhos, numa réstia de esperança, Maira é surpreendida pelo destino a ser professora de posto de ensino: “Chorava. Maira da Luz deixou-se abraçar. Sem alegria nenhuma. Nunca lhe passara pela cabeça ter de deixar Mindelo, o seu querido Mindelo. E, para mais, para ser professora de posto de ensino? Quem lhe traçara o destino afinal?”

(AMARÍLIS, 1989, p. 126)

Suas esperanças são de tal modo reprimidas/rejeitadas por ela e por sua mãe que há o apagamento de sua identidade (se transforma em um inseto sendo esmagada por quem mais desafiava o seu sucesso) e a loucura da mãe. Seu sentimento de fracasso confirmam os malogros de Cesarina e a casa da família da Luz foi selada.

As casas desses dois contos – *A casa dos mastros* e *Maira da Luz* – funcionam como mapas de seus respectivos exílios. A casa dos mastros silenciou-se, permaneceu com os mortos e suas lembranças. A casa de Maira foi selada, ninguém mais entrou nela. Enquanto metáfora da condição humana, as casas-exílios nos dois contos exprimem/imprimem a ambiguidade de não se sentir em lugar nenhum, somatização de suas mulheres-sós.

Esses elementos nos remetem ao que explanamos anteriormente acerca da relação entre literatura e sociedade. *A casa dos mastros* representa perfeitamente esse propósito. Publicada em 1989, quatorze anos depois de deixar de ser colônia, permanece como contributo cultural a seu país, como diz Orlanda Amarílis em entrevista concedida a Michel Laban (s.d., p. 278):

Há registros que precisam de ser feitos. E a contribuição do escritor está inscrita nas estruturas culturais. Quando surge um país novo e se esse país é o nosso, há deveres aos quais não podemos negar o nosso contributo. Além de que esses registros podem vir a contribuir para o espólio cultural do futuro.

Nesse cenário, pensando nos contos de Orlanda Amarílis como pertencentes a um dado momento, se antes havia uma relação específica com Portugal, depois de oficializada a independência do país a identidade nacional, que já era fragmentada, tornou-se ainda mais complexa. As personagens da autora cabo-verdiana são pessoas partidas que, mesmo que no estrato da ficcionalidade, buscam um modo de manterem suas vozes ressoantes.

Além disso, com o propósito de demarcar esse olhar sobre o deslocamento, que embora tenha provocado agruras, registros do estranhamento, a literatura de Amarílis funciona como campo simbólico da realidade, em estreita relação como a própria situação dos cabo-verdianos em África ou fora dela, funcionando como “documento social”.

## Referências bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Orlanda Amarílis, literatura de migrante*. Disponível em: <  
[http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02\\_06.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_06.pdf)> Acesso em: 03 de  
março de 2010.
- AMARÍLIS, Orlanda. Entrevista. In: LABAN, Michel. *Encontro com escritores*: Cabo Verde. Vol.  
I. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, s.d., p. 259-278.
- AMARÍLIS, Orlanda. *A casa dos mastros*. Contos caboverdianos. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.
- BORGES, Jorge Luis. La casa de Asterion. In: *El Aleph*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005, p.  
81-88.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo:  
Iluminuras, 2007.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo*: ensaios de  
metapsicologia e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras:  
2010, p. 170-194.

- FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Cadernos Cespuc de Pesquisa*. Belo Horizonte, n. 16, set. 2007, p. 13-69.
- GUILLÉN, Claudio. *O sol dos desterrados: literatura e exílio*. Trad. Maria Fernanda Abreu. Lisboa: Editorial Teorema, 2005.
- GOMES, Simone Caputo. O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 536-558.
- GUTERRES, Maria. O exílio nos contos de Orlanda Amarílis. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (Org.). *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora: NUM, 1999. p 09-17.
- LABAN, Michel. Encontro com Orlanda Amarílis. In: Cabo Verde: *Encontro com escritores*. I vol. Fundação Eng. Antonio de Almeida. Porto/Portugal, s.d. p. 259-278.
- LARANJEIRA, Pires. Mulheres, ilhas desafortunadas. In: AMARÍLIS, Orlanda. *A casa dos mastros*. Contos caboverdianos. Lisboa: ALAC, 1989. Prefácio. p. 9-11.
- \_\_\_\_\_. O feminino da escrita: espinhoso marfim. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 527-534.
- MAIA, Maria Armandina. Orlanda Amarílis, os passos em volta do Ilhéu dos pássaros. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 269-281.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. A palavra em exílio. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 366-377.
- TUTIKIAN, Jane. *Inquietos olhares: A construção do processo de identidade nacional nas obras de Lúcia Jorge e Orlanda Amarílis*. Disponível em <  
[http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ec1/pdf/via02/via02\\_07.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ec1/pdf/via02/via02_07.pdf)> Acesso em: 13 de fevereiro de 2010.
- \_\_\_\_\_. Por uma Pasárgada cabo-verdiana. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 231-251.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Uma casa chamada exílio. *Gragoatá*, Niterói, n. 19, 2005, p. 95-103.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

## **i Autor**

**Jair ZADONÁ, Ms., Doutorando**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista CAPES

Programa de Pós-graduação em Literatura

E-mail: jzandona@gmail.com